

Algumas notas sobre subjetividade e uso de drogas

Abílio da Costa-Rosa¹

Faculdade de Ciências e Letras da UNESP - Assis

Resumo: Com a utilização do teatro como metáfora, pretende-se apresentar algumas proposições e argumentos que contribuam para a análise do uso de drogas, na sociedade atual, a partir da consideração das vulnerabilidades que podem ser introduzidas pelas características da subjetivação primária e das alterações produzidas pela Ciência, na época da Sociedade de Consumo. Procuramos desenhar o cenário social em que o fenômeno ocorre; apresentamos os principais modos subjetivos de uso, como atores dramáticos ou trágicos; e insinuamos algumas possibilidades de construção de enredos de análise, como pontos de partida mais bem fundamentados.

Palavras-chave: Toxicomania, Alcoolismo, Medicalização, Subjetividade Contemporânea

Neste artigo, pretendo introduzir algumas proposições e argumentos que contribuam para a discussão do tema do uso das drogas na sociedade e, em particular, por grupos de indivíduos sujeitos a condições socioculturais e subjetivas que podem implicar maior vulnerabilidade para as diferentes formas de dependência.

Nesta reflexão sobre os aspectos sociais, clínicos e éticos de um tema tão amplo e complexo, vou -me servir da estrutura do teatro como metáfora para focalizar três pontos fundamentais de uma possível contribuição psicanalítica para a abordagem do tema. Para um pouco do contexto sociocultural e subjetivo: “o cenário e as luzes”; para algumas modalidades do uso de drogas já constituídas: “os personagens”; e abordando a discussão de questões clínicas, éticas e culturais: “alguns enredos e tramas”. Convido o leitor a entrar na cena do pensamento e utilizar o texto para jogar como espectador ativo, em audição e escuta, como num exercício dramático. Ao final, também fica aberta a possibilidade de que ele acrescente outras nuances de análise do fenômeno.

¹ Doutor em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo – USP. Professor Assistente Doutor da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

Um pouco do cenário e algumas luzes

Nosso primeiro vislumbre é para a psicanálise e a ciência, mais especificamente a tecnociência (Santos, 2006), como dois campos de saber bem distintos que se debruçam na análise da questão. Na ciência, prevalece o desejo de sutura do sujeito; na psicanálise, o desejo de soltura, de abertura ao sujeito e à subjetividade.

A psicanálise toma como referente esse sujeito (dimensão sujeito no indivíduo) excluído, rejeito da ciência, em duas vertentes: sujeito do inconsciente; e *objeto a* como condensador de gozo – dimensão pulsional do sujeito. Um aspecto importante da dimensão pulsional do sujeito é conceituada, na psicanálise, como “mais gozar”, uma espécie de homólogo da “mais valia” no campo da análise política (Quinet, 2006).

Privilegiar a questão do *objeto a*, isto é, do gozo na análise do uso de drogas permitirá demonstrar que os efeitos da droga podem ser requisitados pelo próprio indivíduo como resposta ao insuportável da divisão subjetiva, ou seja, ao próprio fato de que somos, sobretudo, entes de gozo e sentido. A condição de sujeitos divididos entre o gozo e o sentido (que só entram no campo humano, atravessando a floresta da linguagem e pela mão de um semelhante falante) faz com que o gozo pulsional e o próprio corpo nunca mais sejam percebidos como coincidentes. Entretanto, flagramos no sujeito, com certa facilidade, a nostalgia de uma coincidência mítica. É essa situação que se manifesta na fala de um ilustre representante da ciência psiquiátrica em nosso meio, veiculada pela mídia, ao afirmar que, com a ingestão de medicamentos psicotrópicos, os felizes podem ser ainda mais felizes. Absurdo, lógico! Absurdo lógico.

Insistir em tal coincidência nada mais seria do que insistir nessa nostalgia reivindicativa do retorno ao estado pré-humano do homem.

Lacan propõe a necessidade de considerarmos uma forma particular do “mais-gozar” como efeito da ciência no campo social. As incidências do progresso da ciência introduzem profundas modificações na relação da medicina com o corpo, que passa a ser purificado de toda a relação erudita ética com que era tratado antes de Bichat. Essa subtração reduz o corpo à máquina cartesiana (Santiago, 2001).

Para a psicanálise, um corpo vivo; para psiquiatria (ciência médica), um corpo morto, herança de Bichat (Foucault, 1997). Um corpo maquinizado que se presta à função de objeto de saber versus um corpo vivo – órgão não-substancial, incorporal, do gozo; dimensão de um sujeito de saber. O corpo tal como o concebe a psicanálise supõe a (in)corpo(ração) simbólica que, na realidade, pressupõe que o sujeito precede seu corpo; este só se forma na ocasião da constituição do indivíduo como sujeito.

Na psicanálise do campo lacaniano, o uso de drogas deve incluir em sua análise o ponto de vista do gozo do corpo. E o recurso dos indivíduos à droga, em suas feições contemporâneas, é um efeito, entre outros, que a ciência e o Modo Capitalista de Produção, em sua versão consumista, produzem no mundo (Santiago, 2001; Goldemberg, 1997).

A ciência não pode ser compreendida apenas como um dispositivo para permitir conhecer melhor o que há no mundo. Ela de fato faz aparecer, no mundo, objetos dos quais até então não se tinha a menor ideia. Objetos, sérios candidatos a rebotalhos da civilização. Já se disse que somos a sociedade do lixo, inclusive tóxico (Bauman, 1999).

A ciência produz *gadgets* (objeto engenhoso, divertido, sem utilidade): toda espécie de instrumentos utilitários, no que pese sua definição geral. Na produção desse utilitarismo, conta muito a ajuda dos enunciados publicitários. Os *gadgets* são sempre

apresentados como a promessa de recuperação dos meios da satisfação pulsional, nostálgica e miticamente perdida para o sujeito; solução para o desejo pela via dos objetos da demanda. Essa promessa é essencial para que eles se prestem a ser suportes de “valor-de-troca”, na esfera da Economia Política.

“A característica mais singular dos gadgets é que o sujeito se liga a eles; até mesmo agarra-se e fixa-se neles”. (Santiago, 2001, p. 151)

Na sociedade contemporânea, há um nexos fundamental entre esses objetos e o Gozo do Corpo. Já há bastante tempo chegamos ao “admirável mundo novo”. Isto é, à época dos “valores-de-uso”, como suportes de “valores-de-troca”, vetores de realização da mais-valia via trabalho. Porém, na sociedade dita neoliberal globalizada de consumo, ter-se-ia chegado a uma era sinistra dos puros objetos da tecnociência; *gadgets*, latusas (Santos, 2006; Lacan, 1982), feitos apenas para o uso do gozo do corpo, capazes de funcionar como veículos de realização de valor (de troca). Ou seja, o corpo aparece transmutado, de força de trabalho, em pura força de consumo, inclusive compulsivo.

Melman (1992) foi um dos primeiros a tratar do toxicômano como precursor na descoberta desse “objeto fabuloso” que a sociedade de consumo tão freneticamente procura. O *gadget* não serve para mais nada a não ser para gozar, é puro extrator de gozo; uma extração finalmente libertada do trabalho humano, deslocada para o consumo. Este consolidou seu lugar de novo *ethos* do sujeito, na sociedade do Modo Capitalista de Produção globalizado. Eis a sagacidade com que este e seu braço armado, a tecnociência, souberam ler a especificidade não mais apenas do indivíduo liberal, mas justamente a singularidade daquilo que nele se expressa como *ex-sistência* – existência no campo do sentido. O sentido exige constante renovação e introduz o sujeito numa condição em que ele está sempre pronto a se abrir, diante do maior ou menor grau do insuportável do cotidiano, para demandas variadas de tamponamento (Santiago, 2001). Insuportável que pode fazer a oportunidade para que todos esses objetos possam vir aí se alojar. Nesses processos, o corpo e o sentido tornam-se complementares.

Não há dúvida de que apenas as condições de estrutura, embora históricas em sua constituição para cada sujeito particular, não seriam suficientes para produzir as principais figuras contemporâneas desse alojamento: toxicomania, alcoolismo, “alcoolistas drogaditos”, demandas de medicalização de todos os impasses subjetivos, consumismo, viciados no azar, misticismo, e os diversos tipos de uso de substâncias, chamados simplesmente de abusivos.

Certamente, há mudanças produzidas pela ciência no Outro (como estrutura sociossimbólica da Formação Social), conforme já foi assinalado antes, a propósito da invenção dos *gadgets*, porém, para compreendermos melhor esse empuxo dos sujeitos ao gozo do corpo, é necessário considerar algumas mudanças decorrentes das transformações na própria estrutura da Formação Social. Essas transformações devem ser notadas ao menos em dois âmbitos distintos: no que tange ao poder simbolizante dos seus ideais de estatuto imaginário da Formação Social dita liberal (cada vez menos gente crê neles), e transformações no que concerne ao desvelamento da funcionalidade da “lei de mercado” em seu aspecto encarnizado, sobretudo após a década de 1970, como forma de “mediação” das relações sociais. Uma vez que a regulação social se dá por crise e catástrofe, no espaço da circulação das mercadorias, as relações entre os homens desvelam como nunca um lado mortífero. A relação do sujeito com a droga, no modo de uso conceitualmente designado toxicomania, é capaz de ilustrar perfeitamente esse caráter mortífero da relação, entre si, dos homens coisificados. A toxicomania e, de outro

modo, o próprio uso de drogas assumem contornos de uma nova forma de “mais-gozar” (de extração de gozo do corpo), em que se combinam, potencializando-se, as transformações da ciência e as da própria estrutura da Formação Social: quebra do poder simbolizante dos ideais do liberalismo; desvelamento do caráter real da lei de mercado como reguladora das relações sociais; e transformações introduzidas no real pela própria tecnociência como produtora de *gadgets* – meros artefatos de gozo à disposição no mercado – objetos para extração de gozo e mais-valia.

Numa sociedade da fartura da oferta de *gadgets*, sociedade dita de consumo, fica fácil o recurso às drogas instalar-se como “(. . .) um substituto artificial das formas usuais de sintoma” (Santiago, 2001, p. 151) e de outras produzidas nessa conjuntura.

Obviamente, essas considerações deverão ser matizadas para a análise das diversas modalidades de uso de drogas: extenso, abusivo, adito; e mesmo nos diversos tipos de objeto. Uma coisa são os psicotrópicos e todos os tipos de estupefacientes, outra coisa são os produtos dos *shoppings*, embora destes haja muitos tipos.

O recurso ao *gadget* se generalizou como forma de expansão da própria economia de mercado na sociedade de consumo. Mas devemos sublinhar que todas as formas do psicofármaco certamente só tenham podido assumir estatuto de incidência radical (epidêmico) após ter-se instalado na Formação Social a configuração definitiva de uma “sociedade do objeto” (e também dos objetos), cujo laço social foi designado como Discurso do Capitalista. (Lacan, 1992; Goldemberg, 1997; Laurent, 2007)

Esse recurso imediatista ao objeto deixa a todos um pouco perversos, isto é, inclinados a gozar sem a intermediação de sentido, sem limites que a entrada plena no simbólico impõe ao gozo, isto é, sob o modo do gozo fálico (Melman, 1992); Freud já tinha nomeado esse processo: fazer o objeto regredir topicamente à necessidade.

Do analisado até aqui, podemos apurar: uso de drogas para remediar os efeitos dolorosos da divisão subjetiva; efeitos manifestos na própria insuficiência da satisfação do sintoma necessariamente acentuada pelas diferentes conjunturas – a droga pode entrar aí como remédio ilusório fornecido pela ciência (Lurent, 2004); uso de drogas como complemento de ser, prótese de ordem imaginária, de efeitos imediatos e momentâneos obtidos pelo gozo extraído do próprio corpo; uso propriamente toxicomaniaco, em que o objeto assume as feições do “produto” e tem potência de curto-circuitar o Outro (como campo do simbólico), pois a quimera oferecida pela toxicomania é gozar diretamente no corpo, sem pagar o tributo exigido pela intermediação simbólica necessária à entrada e permanência do Homem na Cultura. Na toxicomania, trata-se de um gozo que se quer absolutamente real; isto é, impossível de ser suportado pelo corpo.

Neste ponto de nosso ensaio, já temos elementos suficientes para colocar uma luz na diferenciação das modalidades de uso de drogas: estas vão da situação do usuário habitual até o toxicômano, passando pelos usuários ditos abusivos.

Também podemos afirmar que uma característica fundamental do toxicômano é que ele, em consequência do próprio uso, inverteu sua relação com o gozo. De barreira com que tentava mitigar a angústia (decorrente da própria insuficiência da funcionalidade do sintoma), ou mesmo fazendo de tal gozo da droga um usufruto dos prodígios que essa descoberta lhe descortinou, o indivíduo passou ao uso da droga para evitação da angústia atroz experimentada na abstinência dos intervalos de uso. O gozo característico dessa última circunstância especifica a condição dos diferentes indivíduos a que se pode conceituar como aditos.

Os atores

Podemos encontrar três figuras bem delimitadas no cenário contemporâneo do uso de drogas: os alcoolistas e seus fraternos (estes são os alcoolistas drogaditos ou vice-versa); os medicalizados, uma nova espécie de consumidores consumidos (Goldemberg, 1007), às vezes imersos numa verdadeira toxicomania; e os toxicômanos, figura que assume seu zênite epidêmico na era consumista do Modo Capitalista de Produção. A maneira como se deixam afeiçoar ao gozo da droga nos autoriza a aplicar-lhes a fórmula clássica da erotomania, com a diferença fundamental de que agora o outro é um produto: um objeto que me ama no real.

Os diferentes modos de incidência da droga, necessariamente nos processos de subjetivação secundária, são dependentes das particularidades de estrutura primária de subjetivação de cada indivíduo; tais particularidades vão desde circunstâncias sociais em que cada um pode constituir-se como sujeito, até as modalidades diferenciais do processo de constituição do sujeito, isto é, sua constituição pelo processo de recalçamento (*Verdrangung*), renegação (*Verleugnung*) e forclusão (*Verwerfung*), conforme as hipóteses da psicanálise do campo freudiano e lacaniano (Julien, 2002). Mesmo considerando necessária a referência à condição de estrutura de cada indivíduo, é preciso dizer que a maioria das drogas, pela sua característica de propiciação de um gozo que é experimentado como reencontro com um momento mítico de completude, põe ao alcance de todos a oportunidade de se tornar um viciado (eis um objeto ironicamente democrático). Entretanto, a clínica e mesmo a experiência cotidiana mostram diferenças muito relevantes entre os vários tipos de adição, tanto nos seus impactos na qualidade de vida dos indivíduos, quanto nos seus desdobramentos para a própria duração da vida.

As duas primeiras figuras do usuário de drogas ainda podem ser situadas ao redor da insatisfação comum a todos nós, mesmo que a insatisfação apareça acentuada num conjunto cada vez maior de indivíduos, na chamada sociedade de consumista, pelas razões estruturais e conjunturais a que acabamos de aludir.

Podemos salientar que o agravamento do mal-estar na sociedade contemporânea e seus modos de lidar com ele potencializam a “dor-de-existir” inerente à condição de sujeito, deixando de ver nela a causa do desejo, ou mesmo seus impasses, e tratando-a como um mal a ser removido instantaneamente pelos modernos meios oferecidos pela ciência.

Sob certo aspecto, são “aprendizes” de toxicômano. Aspiram ao gozo do Corpo, gozo mítico impossível de ser suportado sem os aparatos do Simbólico, mas não pagam o preço da renúncia aos valores narcísicos, aos quais, por razões de estrutura subjetiva, estão mais ou menos solidamente conectados. Pode-se dizer que, neles, as diferentes formas de curto-circuito do simbólico na relação do sujeito com o objeto de gozo, não são deveras decididas; ou são apenas parciais ou transitórias.

1. Alcoolistas e seus fraternos (alcoolistas drogaditos ou vice-versa). O caso do alcoolista é particular, no conjunto dos usuários de drogas, devido a seu compromisso marcado com os deveres fálicos, ou seja, seu empuxo ao narcisismo pelo culto dos valores socialmente desejados. Ele hesita entre a adesão ao produto e a adesão a práticas de ritualização da existência abundantemente oferecidas no espaço social, como os pioneiros Alcoólicos Anônimos ou as diversas Igrejas Renovadas.

A sua insuficiência percebida diante das exigências superegoicas acentuadas de ser admirado sem limites, ou seja, fora de toda a descompletude, faz com que ele se veja

engajado na referida hesitação em relação ao gozo e, conseqüentemente, atirado numa dívida, cujo pagamento será sempre insuficiente. Quando ele não suporta mais a angústia da ambigüidade ou, o que é mais comum, as exigências do meio e do próprio corpo, que é o primeiro a ser incluído como matéria hipotecada, então ele se engaja numa cruzada de acerto de contas. Todavia, nesse caso, o próprio pagamento segue o modelo da extorsão: subtração expressa em “só por mais um”, um dia de *secura*. Nesse compromisso forçado assumido com a abstinência, ele costuma recuperar parte de sua potência, mesmo sem a exigência da adição, para alguns de seus compromissos fálicos, inclusive sexuais. Sabemos também que já há bastante tempo os alcoolistas e seus frateros batem às portas do saber oficial, para tratarem os efeitos secundários de seus modos de gozo. Primeiro, como é de praxe, eles herdaram os leitos do manicômio muito antes de estes começarem a ser um pouco desocupados por seus frequentadores mais habituais. Isso não deixou de acontecer na atualidade, porém, estão sendo agregados às políticas públicas novos dispositivos do saber oficial, que são cada vez mais procurados, embora ainda frequentemente compartilhados com as ofertas místico-religiosas e os próprios “Alcoólicos Anônimos”.

Apesar de não ser esse o objetivo específico deste ensaio, não é demais assinalar que qualquer psicoterapia situada na lógica da Atenção Psicossocial, e certamente é o caso das abordagens fundamentadas no campo de Freud e Lacan, deve situar-se a mil anos-luz do horizonte técnico e ético “místico-religioso” ou do “grupo-massa”, sucintamente desenhado acima. Também não parece haver qualquer dúvida de que essas referências são imprescindíveis para as estratégias interprofissionais organizadas a partir dos Centros de Atenção Psicossocial para as problemáticas decorrentes do uso do álcool e outras drogas (CAPSad), dispositivo oficial do Sistema Único de Saúde.

As observações clínicas, e mesmo da vida cotidiana, indicam que temos hoje um grande e crescente contingente de “misturadores” de álcool e outras drogas, que pode ser incluído no perfil subjetivo e nas condições sociais mais comuns aos alcoolistas. As razões também são de ordem complexa, mas delas não se pode excluir a presença maciça de drogas proibidas nos mesmos âmbitos onde classicamente se encontrava apenas o álcool.

Dependendo das drogas incluídas nesse coquetel, esses indivíduos também podem chegar a uma relação propriamente dependente com o “objeto/produto”, e com os mesmos efeitos imediatos, já não apenas do alcoolismo, mas também da toxicomania. Do mesmo modo que os alcoolistas, com o agravamento da angústia nos intervalos de uso e pelos abalos produzidos pelo próprio uso no patrimônio fálico (família, trabalho, corpo etc.), esses sujeitos também podem se engajar em diferentes tipos de abstinência oferecidos pelo meio aos alcoolistas e aos toxicômanos. Eles comumente recorrem aos Narcóticos Anônimos, guiados pela lógica do produto, que rege até mesmo muitas das ofertas de ajuda, sejam leigas, místico-religiosas, ou mesmo fundadas no saber da ciência. De passagem, vale assinalar que não é sem conseqüências importantes essa indistinção entre as características subjetivas dos “misturadores” e dos toxicômanos, sobretudo para as políticas públicas e para as abordagens não leigas das problemáticas advindas desse tipo de uso.

2. Medicalizados: consumidores consumidos. Talvez possamos afirmar que o grupo dos sujeitos simplesmente referidos como usuários de drogas é o mais amplo. Destacamos, para nosso interesse imediato, os chamados medicalizados, que incluem os “automedicalizados”. Sem maiores preocupações no momento, consideramos medicalizados a todos os indivíduos incluídos num uso “a priori” e mesmo

indiscriminado de medicamentos da indústria farmacêutica para todo o tipo de sofrimentos e impasses psíquicos. São aqueles que, a princípio, recorrem às drogas lícitas prescritas ou não, geralmente por razões do tipo daquelas anteriormente referidas como insatisfação da solução usual do sintoma.

O agravamento do mal-estar na sociedade de consumo e os efeitos da tecnociência fazem com que a droga, fármaco exclusivamente benigno, assuma oficialmente o papel de substituto artificial da função do próprio sintoma e passe a ser utilizada como pedra de toque a um só tempo da economia libidinal e da economia política.

Esse modo de procurar suprimir os estímulos da dor psíquica com a agregação de outros estímulos de natureza química leva a droga imediatamente a extrapolar os pretendidos efeitos terapêuticos (efeitos, aliás, muito difíceis de isolar como sabemos pelo fenômeno do placebo). Prevalece sua característica de produto da ciência, verdadeira máquina de exploração do gozo do corpo (Laurent, 2004). Exploração deve remeter aqui a dois sentidos: descobrir/encobrir novos modos de gozo do corpo e veicular valores de troca, via exploração do corpo do consumidor e não apenas do trabalhador.

Na ação medicamentosa contemporânea, o psicofármaco põe em destaque sua característica de artefato. Suprimindo um gozo com outro gozo, no corpo, visa a manter o equilíbrio narcísico e a funcionalidade social do sintoma e do próprio indivíduo.

3. Toxicômanos: um caso singular de relação com o objeto/produto. Ao se referirem ao seu primeiro encontro com o gozo da droga, esses indivíduos dão conta de que, para eles, essa experiência tem um valor de reencontro subjetivo. Trata-se de uma vivência, que se eleva a tal importância para as coordenadas subjetivas, que parece marcá-los para sempre, a ponto de desenvolverem um verdadeiro empuxo à droga.

Esse empuxo parece ter as mesmas características da erotomania que caracteriza certas experiências, na psicose: o objeto me ama para gozar de meu corpo. Há, entretanto, uma diferença fundamental, no caso do toxicômano; para ele, não se trata do processo de barrar um gozo vivido sob a forma de angústia encarniçada, que presenciamos na crise psicótica. Trata-se, ao contrário, de precipitar-se cada vez mais na busca desse gozo encarniçado que a teoria nomeia gozo do Outro ou simplesmente do corpo, a ponto de desenvolver uma compulsão à repetição, que é o caminho mais curto para o encontro da angústia impossível que caracteriza essa forma de gozar: a verdadeira angústia dos intervalos de uso. Esta move o indivíduo para a droga, com tal automatismo e voracidade, que fica inequivocamente desvelado o comando do objeto sobre o sujeito. A convicção e a afeição extremas desses indivíduos ao gozo, com total indiferença pela manutenção da vida, é o traço mais característico da toxicomania propriamente dita. Na sua rota de abolição, ele já não precisa de mais nada, pois descobriu o agalma, objeto precioso por excelência, capaz de suprir, a um só tempo, a necessidade, a demanda e o desejo. Aqui, a teoria menciona singulares condições de estrutura, dadas a partir da conjuntura de subjetivação primária nesses indivíduos (Lima, 1998).

A demonstração de afeição maior ao objeto e ao gozo dele extraído, em detrimento da própria vida, nos obriga a ver na performance do toxicômano uma espécie de demonstração ética. Esses sujeitos aparecem como objetores radicais ao gozo que caracteriza a sociedade de consumo, não irônicos ou cínicos, como Diógenes, mas verdadeiros trágicos, como Antígona.

Enquanto, em Diógenes, víamos a demonstração lógica do pretense equívoco da filosofia de Sócrates – o bem estaria na relação ascética com o corpo e não na depuração do corpo pelo conhecimento (Santiago, 2001) –, no toxicômano, a demonstração não é de ordem lógica, mas em ato. Tendo desertado o próprio sujeito, sobra o corpo em rota de abolição em direção a um gozo que finalmente o consome. Demonstração claramente de ordem ética. Denúncia da ética de uma sociedade que aposta no gozo do objeto como solução para o desejo; essa aposta não é, afinal, mais que o pretexto de uma economia que faz da extração de gozo sua causa.

O toxicômano nos fornece a demonstração em ato de um consumo tão renitente que se consome. Tão bem, que se consuma. A propósito, pode-se afirmar que seu ato de imolação trágica do próprio corpo aparece como afirmação hiperbólica de traços homólogos do consumo predatório, presentes no corpo do próprio planeta. Traços que a ideologia dominante ainda insiste em apenas dramatizar.

Em síntese, pode-se enfatizar que há uma homologia entre a forma de extração de gozo, que caracteriza a toxicomania, e a forma de extração de valor/gozo, que marca a sociedade de consumo, formas que a toxicomania desvela, adicionando a visibilidade da radicalidade trágica que fica velada no âmbito da Formação Social. Para esta, a opção pela dimensão do objeto de gozo, em detrimento da sua dimensão de objeto do desejo, significa deixar cair, no compartimento dos dejetos produzidos nesse laço social de consumo (sociedade do lixo), o próprio desejo – essência do homem para Espinoza e para Lacan.

Isso, entretanto, não nos impede de ver que, no horizonte de seu ato, nosso sujeito objetor expressa um absoluto silêncio ideológico. Sua demonstração ética dá-se como que à sua revelia. Seu gozo, como parasita do corpo, chega a consumi-lo, num ritual absolutamente autístico, totalmente às margens de quaisquer valores sociais mesmo a contestar. Ao mesmo tempo, seu ato radical o coloca fora do alcance de quaisquer retóricas ou políticas de inclusão. Parece que a presença desse usuário de drogas decidido e renitente obriga as políticas de Estado a desvelarem sua face cínica de “redução de danos”.

Alguns enredos e tramas

Objetores ao laço social capitalista

Os alcoolistas também fazem um protesto velado, uma demonstração pelo imaginário: congregam-se numa fraternidade de doadores contra o Outro vampiro (transfusões de hora e heroísmo por suportar mais um dia). Seu gozo protético só chega à morte como demonstração do limite do gozo do corpo por acidente ou por inércia indecisa.

Os toxicômanos são os verdadeiros trágicos contemporâneos. Como “Antígonas” modernas, fazem sua demonstração em ato, pondo em evidência que a morte do corpo é o limite desse consumo infinito.

Estes fazem sua demonstração em ato; ato trágico a que conduz o gozo de um objeto que assume o comando do sujeito. Marx foi o primeiro a aludir a uma sociedade de mercadorias que conduziam seus produtores. É essa mesma sociedade que encontramos sob a transfiguração do consumismo globalizado. Essa particularidade do

objeto de consumo, *gadget* e simultaneamente produto da ciência e da indústria, conduz não mais apenas ao mercado, mas a uma relação com o desejo que se vê transmutado em gozo do corpo (e por tratar-se de corpo e não apenas de organismo), daí não se excluem importantes ressonâncias subjetivas.

Os medicalizados parecem constituir a figura mais ou menos comportada do rebanho do exército de insatisfeitos, incapazes de fazer de seu “mais-gozar” algo mais do que a própria matéria-prima posta à disposição do Capital, em suas feições atuais. É evidente, por outro lado, que eles não constituem uma massa indistinta e inerte. E o esclarecimento de suas particularidades é fundamental para a análise do tema da medicalização.

Tratamentos e curas

De que é que se trata?...

Finalmente não podemos deixar de mencionar algo que também permeou nossas considerações teóricas iniciais e foi levado em conta no momento da pesquisa. A toxicomania, ainda mais do que as outras problemáticas psíquicas, mantém certo caráter de objeção aos rumos assumidos pela Formação Social em sua feição neoliberal globalizada. (Melman, 1992)

Não se poderia pretender jamais esgotar tal caráter, em qualquer modalidade de ação setorial ou intersetorial, por mais bem arquitetada e politicamente correta que fosse. Ou seja, temos que escapar à ingenuidade que vê a deriva das relações com o gozo, neste momento histórico, como uma condição privada dos sujeitos. Não é demais sublinhar que essa consideração permeia e dimensiona toda a nossa análise da toxicomania (Santos & Costa-Rosa, 2007).

Que se acrescentem outros enredos e tramas...

Costa-Rosa, A. (2009). Some notes about subjectivity and drugs usage. *Revista de Psicologia da UNESP*, 8(2), 88-97.

Abstract: *By the use of the theater as metaphor, is intended to present some propositions and some points that contribute to the analysis of the drug usage in the current society, by the consideration of the vulnerabilities that can be introduced by the primary subjectivity characteristics and the transformations produced by Science in the consume society age. We intend to draw the social scenario in which the phenomenon occurs; we present the main subjective ways of usage, like dramatic or tragic actors; we insinuate some possibilities of construction of scripts of analysis as a better substantiated starting point.*

Key-words: *Addiction, Alcoholic, Medicalization, Current Subjectivity.*

Referências

- Bauman, Z. (1999). *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bentes, L. & Gomes, R. F. Rio de Janeiro: Contracapa, 1998.
- Foucault, M. (1977). *O Nascimento da Clínica*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.
- Goldemberg, R. (org) (1997). *Goza! Capitalismo, globalização, psicanálise*. Salvador: Agálma.
- Julien, P. (2002). *Psicose, Perversão, Neurose: a leitura de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Cia de Freud.
- Lacan, J. (1992). *O Seminário, livro 17. O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1982). *O Seminário, Mais Ainda, Livro 20*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Laurent, E. (2007). *A Sociedade do sintoma, a psicanálise, hoje*. Rio de Janeiro: Contracapa.
- Lauret, E. (2004). Como engolir a pílula? In J-A. Miller (org). *Ornicar? nº 1*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lima, S. R. (1998). Uma passagem clandestina. In Bentes, L. & Gomes, R. F. (orgs). *O brilho da inFelicidade*. Rio de Janeiro: Contracapa.
- Melman, C. (1992). *Alcoolismo, delinqüência, toxicomania: uma outra forma de gozar*. São Paulo: Escuta.
- Quinet, A. (2007). *Psicose e Laço Social, esquizofrenia, paranóia e melancolia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Santiago, J. (2001). *A droga do toxicômano: uma parceria cínica na era da ciência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Santos, B. S. (2006). Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In B. S. Santos (org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente*. São Paulo: Cortez.
- Santos, C. E. & Costa-Rosa, A. (2007, outubro/dezembro). A experiência da toxicomania e da reincidência a partir da fala dos toxicômanos. *Estudos de psicologia*, 27(4), 485-502.

Recebido: 25 de novembro de 2009.
Aprovado: 22 de janeiro de 2010.